

CAPÍTULO UM

Casamento e surpresas

O CASAMENTO É UMA AMIZADE RECONHECIDA PELA POLÍCIA.

Robert Louis Stevenson

Em 2006, num fim de tarde de verão, eu me encontrava numa pequena aldeia do norte do Vietnã, sentada junto ao fogo fuliginoso de uma cozinha com várias mulheres locais, cujo idioma não sei falar, tentando lhes fazer perguntas sobre casamento.

Já havia vários meses eu viajava pelo sudeste da Ásia com um homem que logo se tornaria meu marido. Suponho que o nome convencional de um indivíduo desses seja “noivo”, mas nenhum de nós gostava muito dessa palavra e, por isso, não a usávamos. Na verdade, nenhum de nós gostava muito dessa ideia de matrimônio como um todo. O casamento nunca tinha passado pelos nossos planos em comum nem era coisa que quiséssemos. Mas a providência interferiu nos nossos planos, e por isso agora perambulávamos ao acaso no Vietnã, na Tailândia, no Laos, no Camboja e na Indonésia, tomando providências urgentes e até desesperadas para voltar aos Estados Unidos e nos casar.

Nessa época, o homem em questão era meu amante, meu namorado, havia mais de dois anos, e nestas páginas vou chamá-lo de Felipe. Felipe é um cavalheiro brasileiro gentil e afetuoso, 17 anos mais velho do que eu, que conheci em outra viagem (uma viagem planejada de verdade) que fiz pelo mundo, alguns anos antes, na tentativa de remendar um coração gravemente partido. Perto do fim da viagem, encontrei Felipe, que havia anos morava sozinho e tranquilo em Bali, cuidando do seu coração partido. O que veio em seguida foi atração, depois uma lenta corte e, finalmente, para nosso espanto mútuo, amor.

A nossa resistência ao casamento na época nada tinha a ver com ausência de amor. Ao contrário, Felipe e eu nos amávamos sem reservas. Fazer todo tipo de promessa de ficarmos juntos e sermos fiéis para sempre nos satisfazia. Já tínhamos até jurado fidelidade vitalícia um ao outro, embora em particular. O problema é que éramos sobreviventes de divórcios difíceis, e a experiência nos deixou tão feridos que bastava a ideia de um casamento formal — com *qualquer pessoa*, mesmo com pessoas tão legais como nós dois — para provocar uma sensação pesada de pavor.

Em geral, é claro que a maioria dos divórcios é bem difícil (Rebecca West observou que “quase sempre, divorciar-se é uma ocupação tão alegre e útil quan-

to quebrar louças muito valiosas”), e os nossos não foram exceção. Na poderosa Escala Cósmica de Ruindade do Divórcio, que vai de um a dez (na qual um é igual a uma separação amigável e dez é... digamos, uma verdadeira pena capital), provavelmente eu daria ao meu a nota 7,5. Não houve suicídios nem homicídios, mas fora isso o rompimento foi um processo dos mais feios possíveis entre duas pessoas bem-educadas. E se arrastou durante mais de dois anos.

Quanto a Felipe, seu primeiro casamento (com uma profissional liberal australiana inteligente) terminara quase uma década antes de nos conhecermos em Bali. Na época, o divórcio se desenrolara bastante bem, mas perder a mulher (e, junto com ela, o acesso à casa, aos filhos e a quase duas décadas de história) deixara a esse homem bom uma herança de tristeza duradoura, com ênfase especial no arrependimento, no isolamento e na ansiedade econômica.

Assim, a nossa experiência nos deixara exauridos, perturbados e com firme desconfiança diante das alegrias do sagrado matrimônio. Como todos os que já passaram pelo vale das sombras do divórcio, Felipe e eu tínhamos aprendido em primeira mão a seguinte verdade desagradável: toda intimidade traz consigo, escondidos sob a superfície adorável do início, os mecanismos sempre engatilhados da catástrofe total. Já tínhamos aprendido que o casamento é um terreno no qual é muito mais fácil entrar do que sair. Sem as restrições da lei, o amante não casado pode sair do mau relacionamento a qualquer momento. Mas o casado legalmente que quiser escapar do amor infeliz logo descobre que uma parcela significativa do contrato de casamento pertence ao Estado e que, às vezes, demora muito para o Estado lhe dar permissão de partir. Portanto, é bem possível ficar preso durante meses e até anos numa união legal sem amor que mais se parece com um prédio em chamas. Um prédio em chamas onde você, amigo, está algemado a um aquecedor em algum ponto do porão, incapaz de se soltar, enquanto a fumaça sobe em nuvens e as vigas vêm caindo...

Desculpe; será que tudo isso soa pouco entusiástico?

Só exponho esses pensamentos desagradáveis para explicar por que Felipe e eu fizemos um pacto bastante incomum desde o início da nossa história de amor. Juramos, de todo o coração, nunca, jamais, em nenhuma circunstância, nos casar. Chegamos até a prometer nunca misturar as nossas finanças nem o nosso patrimônio terreno, para evitar o possível pesadelo de, mais uma vez, ter de desenterrar a reserva de munição pessoal e explosiva de hipotecas, escrituras, propriedades, contas bancárias, eletrodomésticos e livros favoritos em comum. Depois de feitas essas devidas promessas, avançamos com uma verdadeira sensação de calma nesse companheirismo cuidadosamente dividido. Afinal, assim como o compromisso do noivado dá a tantos outros casais uma sensação envol-

vente de proteção, o nosso voto de *nunca* nos casar nos cobriu com a segurança emocional necessária para experimentarmos o amor mais uma vez. E esse nosso pacto, conscientemente privado de compromisso oficial, parecia milagroso com sua libertação. Foi como se tivéssemos encontrado o Caminho Marítimo para as Índias da Intimidade Perfeita, algo que, como escreveu Gabriel García Márquez, “lembrava o amor, mas sem os problemas do amor”.

E foi isso que passamos a fazer até a primavera de 2006: cuidar da nossa vida, construir juntos, com irrestrito contentamento, uma vida delicadamente dividida. E poderíamos continuar a viver assim, felizes para sempre, se não fosse uma interferência muitíssimo inconveniente.

O Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos se envolveu.

O problema era que Felipe e eu, embora tivéssemos muitas semelhanças e graças, não tínhamos a mesma nacionalidade. Ele era um brasileiro com cidadania australiana que, quando nos conhecemos, morava principalmente na Indonésia. Eu era uma americana que, fora as minhas viagens, morava principalmente na costa leste dos Estados Unidos. A princípio, não prevíamos nenhum problema na nossa história de amor sem pátria, embora, em retrospecto, talvez desse para antever as complicações. Como diz o velho ditado: um peixe e um passarinho podem até se apaixonar, mas vão morar onde? Achamos que a solução desse dilema era nós dois sermos viajantes hábeis (eu, um pássaro que sabia mergulhar; Felipe, um peixe que sabia voar) e, pelo menos durante o nosso primeiro ano juntos, vivemos praticamente no ar, mergulhando e sobrevoando oceanos e continentes para ficarmos juntos.

Felizmente, a nossa vida profissional facilitou esse sistema livre, leve e solto. Como escritora, posso levar o meu trabalho comigo para qualquer lugar. Como joalheiro e importador de pedras preciosas que vendia as suas mercadorias nos Estados Unidos, Felipe vivia sempre viajando mesmo. Só precisaríamos coordenar a nossa locomoção. Assim, eu ia para Bali; ele vinha para os Estados Unidos; íamos ambos para o Brasil; voltávamos a nos encontrar em Sydney. Aceitei um emprego temporário como professora de criação literária na Universidade do Tennessee e, durante alguns meses esquisitos, moramos juntos no quarto de um velho hotel decadente em Knoxville. (Aliás, recomendo *esse* modo de viver para quem quiser testar o nível real de compatibilidade num relacionamento novo.)

Vivíamos em ritmo *staccato*, ao sabor dos acontecimentos, juntos na maior parte do tempo, mas sempre em trânsito, como num estranho programa internacional de proteção a testemunhas. A nossa relação, embora estabilizadora e tranquila no nível pessoal, era um desafio logístico constante e, com tantas viagens aéreas internacionais, absurdamente cara. Também provocava abalos psicológicos. A cada reunião, eu e Felipe tínhamos de aprender tudo de novo um sobre o outro. Havia sempre aquele momento nervoso no aeroporto em que eu ficava lá esperando que ele chegasse e me perguntava: *Será que ainda o conheço? Será que ele ainda me conhece?* Então, depois do primeiro ano, começamos a querer algo mais estável, e foi Felipe quem deu o grande passo. Abrindo mão da cabana modesta mas adorável em Bali, mudou-se comigo para uma casinha minúscula que eu alugara recentemente nos arredores da Filadélfia.

Embora a troca de Bali pelo subúrbio da Filadélfia talvez pareça uma escolha singular, Felipe jurou que se cansara havia muito tempo da vida nos trópicos. Queixava-se de que viver em Bali era fácil demais, porque cada dia era uma réplica agradável e tediosa da véspera. Insistiu que já sonhava em partir havia tempos, antes mesmo de me conhecer. Agora, para quem nunca morou no paraíso deve ser impossível entender como alguém se entedia com ele (eu mesma acho a ideia meio maluca), mas, com o passar dos anos, Bali, a terra dos sonhos, passou mesmo a ser de uma chatice insuportável para Felipe. Nunca esquecerei uma das últimas noites encantadoras que passamos juntos na sua casinha, sentados ao ar livre, descalços, com a pele orvalhada pelo ar quente de novembro, tomando vinho e observando o mar de constelações a cintilar sobre os arrozais. Enquanto o vento perfumado fazia as palmeiras farfalharem e a música de uma cerimônia num templo distante flutuava na brisa, Felipe me olhou, suspirou e disse, sem rodeios: “Não aguento mais essa merda. Não vejo a hora de voltar para a Filadélfia.”

Assim, devidamente, levantamos acampamento para a Filadélfia (cidade do amor fraterno, como diz o lema oficial? Dos buracos fraternos, isso sim)! O fato é que nós dois gostávamos bastante de lá. A casinha alugada ficava perto de minha irmã e da família dela, cuja proximidade, com o passar dos anos, se tornara vital para eu me sentir feliz, e isso trouxe intimidade. Além do mais, depois de todos os nossos anos conjuntos de viagem para lugares distantes, era bom e até revitalizador morar nos Estados Unidos, país que, apesar das falhas, ainda era *interessante* para nós dois: um lugar rápido, multicultural, sempre evoluindo, doido de tão contraditório, desafiador em termos criativos e, basicamente, vivo.

Lá na Filadélfia, então, eu e Felipe montamos o nosso quartel-general e praticamos, com sucesso encorajador, as nossas primeiras sessões reais de

domesticidade em comum. Ele vendia jóias; eu trabalhava em projetos que me obrigavam a ficar num lugar só e pesquisar para escrever. Ele cozinhava; eu cuidava do gramado; de vez em quando, um de nós ligava o aspirador de pó. Funcionávamos bem juntos na mesma casa, dividindo as tarefas diárias sem briga. Passamos a nos sentir ambiciosos, produtivos e otimistas. A vida era boa.

Mas esses intervalos de estabilidade nunca duravam muito. Devido às restrições do visto de Felipe, três meses era o máximo que podia ficar legalmente nos Estados Unidos; em seguida, tinha de passar algum tempo em outro país. Assim, lá voava ele, e eu ficava sozinha com os meus livros e vizinhos enquanto ele estava fora. Então, dali a algumas semanas, ele voltava aos Estados Unidos com outro visto de noventa dias e recomeçávamos a nossa vida doméstica conjunta. A comprovação da cautela que tínhamos com os compromissos de longo prazo é que esses bocados de noventa dias nos pareciam quase perfeitos: era o volume exato de planejamento futuro que dois trêmulos sobreviventes de divórcios conseguiam aceitar sem se sentir muito ameaçados. E às vezes, quando o meu cronograma permitia, eu me unia a ele nesses passeios fora do país para renovar o visto.

Isso explica por que certo dia voltamos juntos aos Estados Unidos de uma viagem de negócios ao exterior e pousamos — devido à peculiaridade das passagens baratas e da conexão que tínhamos de fazer — no Aeroporto Internacional de Dallas/Fort Worth. Passei primeiro pela Imigração, seguindo rapidamente pela fila dos meus concidadãos americanos repatriados. Do outro lado, esperei Felipe, que estava no meio de uma longa fila de estrangeiros. Vi quando se aproximou do funcionário da Imigração, que estudou atentamente o passaporte australiano de Felipe, grosso como uma bíblia, examinando cada página, cada marcação, cada holograma. Normalmente, não eram tão observadores, e fiquei nervosa com o tempo que aquilo estava levando. Olhei e aguardei, à espera daquele som importantíssimo de toda travessia de fronteira bem-sucedida: aquele *tump* grosso, sólido e bibliotecário do carimbo de boas-vindas do visto de entrada. Mas ele não veio nunca.

Em vez disso, o funcionário da Imigração pegou o telefone e fez uma ligação silenciosa. Momentos depois, um policial com a farda do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos chegou e levou o meu amor embora.

Os homens fardados do aeroporto de Dallas interrogaram Felipe durante seis horas. Durante seis horas, proibida de vê-lo e de fazer perguntas, fiquei sentada ali, na sala de espera da Segurança Interna: um espaço insípido, com

luz fluorescente, cheio de gente apreensiva do mundo inteiro, todos nós igualmente rígidos de medo. Eu nem imaginava o que estavam fazendo com Felipe lá dentro nem o que lhe perguntavam. Sabia que ele não tinha desobedecido a nenhuma lei, mas isso não era tão confortador assim. Estávamos nos últimos anos do governo do presidente George W. Bush: não era um momento tranquilo da história para ter o namorado estrangeiro mantido sob a custódia do governo. Tentei me acalmar com a famosa oração da mística Juliana de Norwich, do século XIV (“Tudo dará certo, e tudo dará certo, e todo tipo de coisa dará certo”), mas não acreditei numa só palavra. Nada estava dando certo. Nenhum tipo de coisa estava dando certo.

De vez em quando, me levantava da cadeira de plástico e tentava obter mais informações com o funcionário da Imigração atrás do vidro à prova de balas. Mas ele ignorava os meus apelos e recitava sempre a mesma resposta: “Senhorita, quando tivermos alguma coisa a lhe dizer sobre o seu namorado, avisamos.” Numa situação dessas, se me permitem, talvez não haja palavra de som mais fraco do que *namorado*. A maneira desdenhosa com que o funcionário pronunciava essa palavra mostrava a pouca importância que dava ao meu relacionamento. Por que diabos um funcionário do governo deveria dar informações sobre um mero *namorado*? Queria me explicar com o funcionário da imigração, dizer “ouça aqui, o homem que vocês estão mantendo aí dentro é muito mais importante para mim do que você jamais conseguiria imaginar”. Mas, mesmo no meu estado de aflição, duvido que isso adiantasse alguma coisa. No mínimo, tive medo de forçar demais a barra e causar repercussões desagradáveis lá onde Felipe estava e, assim, indefesa, me segurei. Só agora me ocorre que eu deveria ter dado um jeito de chamar um advogado. Mas não tinha celular, não queria abandonar o posto na sala de espera e não conhecia nenhum advogado em Dallas, e ainda por cima era uma tarde de domingo: quem eu conseguiria encontrar?

Finalmente, seis horas depois, veio um guarda e me levou pelos corredores, por um labirinto de mistérios burocráticos, até uma salinha mal iluminada onde Felipe estava sentado com o agente da Segurança Interna que o interrogara. Ambos pareciam igualmente cansados, mas só um deles era *meu* — o meu amado, para mim o rosto mais conhecido do mundo. Vê-lo naquele estado fez o meu peito doer de saudade. Queria tocá-lo, mas senti que não seria permitido e fiquei ali de pé.

Felipe me sorriu com fadiga e disse:

— Querida, a nossa vida está prestes a ficar muito mais interessante.

Antes que eu pudesse responder, o agente do interrogatório assumiu rapidamente o controle da situação e de todas as explicações:

— Madame — disse —, chamamos a senhora aqui para explicar que não permitiremos mais que o seu namorado entre nos Estados Unidos. Ele ficará preso até arranjarmos um avião que o leve de volta para a Austrália, já que tem passaporte australiano. Depois disso, não poderá mais voltar aos Estados Unidos.

A minha primeira reação foi física. Foi como se todo o sangue do meu corpo se evaporasse no mesmo instante e, por um segundo, os olhos se recusaram a entrar em foco. Então, no momento seguinte, a minha cabeça entrou em ação. Repassei acelerada um resumo rápido dessa crise grave e súbita. Desde muito antes de nos conhecermos, Felipe ganhava a vida nos Estados Unidos e visitava o país várias vezes por ano em estadas curtas, importando legalmente pedras preciosas e joias do Brasil e da Indonésia para vender no mercado americano. Os Estados Unidos sempre receberam bem empresários internacionais como ele, pois trazem para o país mercadorias, dinheiro e comércio. Em troca, Felipe prosperou nos Estados Unidos. Pagou os estudos dos filhos (hoje adultos) nas melhores escolas particulares da Austrália com a renda que havia décadas obtinha nos Estados Unidos. Os Estados Unidos eram o centro de sua vida profissional, muito embora nunca tivesse morado lá até recentemente. Mas todo o seu estoque ficava ali, todos os seus contatos estavam ali. Se nunca mais pudesse voltar aos Estados Unidos, o seu meio de vida estava efetivamente destruído. Isso sem falar que eu morava ali nos Estados Unidos e que Felipe queria ficar comigo e que, devido à minha família e ao meu trabalho, eu sempre quisera continuar estabelecida nos EUA. E Felipe também passara a fazer parte da minha família. Fora integralmente adotado por meus pais, minha irmã, meus amigos, meu mundo. E como continuaríamos a viver juntos se ele fosse banido para sempre? O que faríamos? (“*Onde eu e você dormiremos?*”, diz a letra de uma lamentosa canção de amor dos índios wintus. “*Na orla recortada e pendente do céu? Onde eu e você dormiremos?*”)

— Com base em quê vão deportá-lo? — perguntei ao agente da Segurança Interna, tentando soar autoritária.

— Estritamente falando, madame, não é uma deportação. — Ao contrário de mim, o agente não precisava soar autoritário; nele, isso era natural. — Só estamos lhe recusando a permissão de entrar nos Estados Unidos, com base em que visitou o país com demasiada frequência no ano passado. Ele nunca ultrapassou o tempo permitido nos vistos, mas, com tantas idas e vindas, parece que ele mora com a senhora na Filadélfia durante períodos de três meses e depois sai do país só para voltar logo depois. — Isso seria difícil negar, já que era exatamente o que Felipe vinha fazendo.

— Isso é crime? — perguntei.

— Não exatamente.

— Não ou não exatamente?

— Não, madame, não é crime. É por isso que não vamos prendê-lo. Mas a concessão de vistos de três meses que o governo dos Estados Unidos oferece aos cidadãos de países amigos não foi feita para visitas consecutivas infinitas.

— Mas não sabíamos disso — disse eu.

Nisso, Felipe entrou na conversa.

— Na verdade, senhor, certa vez um agente da Imigração de Nova York nos disse que eu poderia visitar os Estados Unidos quantas vezes quisesse, desde que nunca ultrapassasse os noventa dias de validade do visto.

— Não sei quem lhe disse isso, mas não é verdade. — Ouvir o agente dizer isso me lembrou de um aviso que Felipe me fizera certa vez sobre a travessia de fronteiras internacionais: “Nunca leve na brincadeira, querida. Lembre-se sempre de que algum dia, por qualquer razão que seja, algum guarda de fronteira do mundo pode decidir que não quer deixar você entrar.”

— O que o senhor faria agora, se estivesse na nossa situação? — perguntei. Essa é uma técnica que, com o tempo, aprendi a usar sempre que me vejo num impasse com um funcionário indiferente do atendimento ao cliente ou um burocrata apático. Fazer esse tipo de pergunta estimula a pessoa que detém todo o poder a parar um instante e se pôr no lugar de quem está impotente. É um apelo sutil à empatia. Às vezes ajuda. Na maioria das vezes, para ser honesta, não adianta nada. Mas ali eu estava disposta a tentar tudo.

— Bom, se o seu namorado pretende voltar aos Estados Unidos, vai precisar arranjar um visto melhor e mais permanente. Se eu fosse a senhora, tentaria lhe conseguir isso.

— Então está bem — disse eu. — Qual é a maneira mais rápida de conseguirmos um visto melhor e mais permanente para ele?

O agente da Segurança Interna olhou Felipe, depois me olhou, depois olhou Felipe outra vez.

— Honestamente? — perguntou. — Vocês dois precisam se casar.

Quase deu para ouvir o meu coração afundar. Do outro lado da salinha, consegui sentir o coração de Felipe se afundar com o meu, numa queda livre total e sincronizada.

Em retrospecto, parece inacreditável que essa proposta nos pegasse de surpresa. Céus, será que eu nunca tinha ouvido falar de casamentos para tirar o *green card*? Talvez também pareça inacreditável que, dada a natureza urgente

das circunstâncias, a sugestão do matrimônio me causasse angústia em vez de alívio. Quer dizer, pelo menos tínhamos uma opção, não é? Mas a proposta me pegou de surpresa. E doeu. Eu tinha expulsado tão completamente a noção de casamento da minha psique que ouvir a ideia dita agora em voz alta foi um choque. Fiquei me sentindo arrasada, pega de surpresa, pesada, expulsa de algum aspecto fundamental do meu ser, e mais do que tudo, me senti *pega*. Senti que ambos tínhamos sido pegos. O peixe voador e o pássaro mergulhão tinham caído na rede. E a minha ingenuidade, não pela primeira vez na vida, confesso, me atingiu na cara como uma toalha molhada: *por que fui tão boba a ponto de imaginar que conseguiríamos levar a vida que queríamos para sempre?*

Ninguém disse nada por algum tempo até que o agente da Segurança Interna, vendo as nossas caras silenciosas de condenados, perguntou:

— Me desculpem, mas qual é o problema dessa ideia?

Felipe tirou os óculos e esfregou os olhos — sinal, como eu sabia por muita experiência, de completa exaustão. Suspirou e disse:

— Ah, Tom, Tom, Tom...

Eu ainda não percebera que aqueles dois já eram íntimos, mas acho que isso tinha de acontecer durante uma sessão de interrogatório de seis horas. Ainda mais quando o interrogado é Felipe.

— Não, sério: qual é o problema? — perguntou o agente Tom. — É óbvio que vocês dois já moram juntos. É óbvio que gostam um do outro, que não são casados com mais ninguém...

— Você tem de entender, Tom — explicou Felipe, se inclinando para a frente e falando com uma intimidade que ia contra o ambiente oficial —, que no passado Liz e eu passamos por divórcios muito ruins mesmo.

O agente Tom fez um barulhinho, um tipo de “*Oh...*” suave e solidário. Depois, tirou também os óculos e esfregou os olhos. Instintivamente, dei uma espiada no terceiro dedo da mão esquerda. Nenhuma aliança. Pela mão esquerda nua e pela reação pensativa de comiseração cansada, fiz um rápido diagnóstico: divorciado.

Foi aí que a conversa ficou surrealista.

— Ora, vocês podem assinar um contrato pré-nupcial — sugeriu o agente Tom. — Quer dizer, se têm medo de passar outra vez por toda a confusão financeira do divórcio. Mas se são as questões de relacionamento que assustam, talvez fosse boa ideia procurar orientação psicológica.

Ouvi aquilo espantadíssima. *Um agente do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos estava nos dando conselhos conjugais? Numa sala de interrogatório? Nas entranhas do Aeroporto Internacional de Dallas/Fort Worth?*

Recuperei a voz e sugeri essa solução brilhante:

— Agente Tom, e se eu desse um jeito de *contratar* Felipe, em vez de me casar com ele? Não daria para trazê-lo para os Estados Unidos como meu funcionário, em vez de meu marido?

Felipe se endireitou na cadeira e exclamou:

— Querida! Que ideia maravilhosa!

O agente Tom nos olhou com uma cara esquisita. Perguntou a Felipe:

— Honestamente, prefere ter essa mulher como chefe em vez de esposa?

— Meu Deus, claro!

Consegui sentir o agente Tom se segurar quase fisicamente para não perguntar: “Que tipo de gente maluca vocês *são*?” Mas ele era profissional demais para esse tipo de coisa. Em vez disso, pigarreou e disse:

— Infelizmente, o que a senhora acaba de propor não é legal neste país.

Felipe e eu desmoronamos de novo, novamente com sincronização total, num silêncio deprimido.

Depois de um bom tempo, falei de novo.

— Tudo bem — disse, derrotada. — Vamos acabar com isso. Se eu me casar com Felipe agora, aqui mesmo na sua sala, o senhor deixa ele entrar no país hoje? Não haveria um capelão aqui no aeroporto que pudesse fazer isso?

Há momentos na vida em que o rosto de um homem comum pode assumir um ar de quase divindade, e foi bem isso que aconteceu. Tom, agente texano da Segurança Interna com distintivo e tudo, cansado e com barriguinha, sorriu para mim com uma tristeza, uma bondade, uma compaixão luminosa totalmente deslocadas naquela sala estagnada e desumanizadora. De repente, parecia até um capelão.

— Ah, nããããão... — disse, suavemente. — Acho que não é assim que funciona.

Agora, ao recordar tudo isso, é claro que percebo que o agente Tom já sabia muito melhor do que nós o que nos esperava. Ele sabia muito bem que obter um visto oficial de noivo nos Estados Unidos, ainda mais depois de um “incidente de fronteira” como aquele, não seria nada fácil. O agente Tom podia prever todas as dificuldades que teríamos agora: advogados em três países — em três continentes, aliás —, que teriam de obter todos os documentos legais necessários; os nada-consta exigidos da polícia federal de cada país onde Felipe já tivesse morado; as pilhas de cartas pessoais, fotos e outras efemérides que teríamos de compilar para provar que a nossa relação era real (inclusive, como louca ironia, provas como contas bancárias conjuntas, coisas que fazíamos um esforço enorme para manter *separadas*); impressões digitais; vacinas; radiografias

do tórax para ver se havia tuberculose; entrevistas nas embaixadas americanas no exterior; documentos do serviço militar no Brasil, trinta e cinco anos atrás, que de algum modo teríamos de recuperar; o tempo enorme que Felipe teria de passar fora do país e a quantia imensa que teria de gastar enquanto esse processo se desenrolasse; e, pior de tudo, a incerteza horrível de não saber se todo esse esforço bastaria, ou seja, sem saber se o governo dos Estados Unidos (que, nesse aspecto, se comportava como um pai rígido das antigas) aceitaria algum dia esse homem como marido dessa sua filha natural ciosamente guardada.

Assim, o agente Tom já sabia tudo isso, e o fato de ter demonstrado solidariedade conosco pelo que estávamos prestes a passar foi um toque inesperado de gentileza numa situação aflita daquelas. O fato de que, até esse momento, nunca me imaginei elogiando por escrito um agente do Departamento de Segurança Interna pela ternura pessoal destaca mais ainda como toda aquela situação ficara esquisita. Mas devo dizer aqui que o agente Tom também nos prestou outro serviço gentil. (Isto é, antes de algemar Felipe e o levar para a prisão do condado de Dallas, depositando-o numa cela cheia de criminosos de verdade para passar a noite.) O gesto do agente Tom foi o seguinte: ele nos deixou juntos e sozinhos na sala de interrogatório durante dois minutos inteiros, para que pudéssemos nos despedir com privacidade.

Quando a gente só tem dois minutos para dizer adeus a quem mais ama no mundo e não sabe quando vai ver de novo, é como se o esforço de dizer e fazer e combinar tudo ao mesmo tempo provocasse um engarrafamento. Então, nos nossos dois minutos sozinhos na sala de interrogatório, fizemos um plano apressado e sem fôlego. Eu iria para a Filadélfia, me mudaria da casa alugada, guardaria tudo num depósito, arranjaria um advogado especializado em imigração e poria em andamento o processo jurídico. É claro que Felipe iria para a cadeia. Depois seria deportado para a Austrália, ainda que, em termos estritos, não fosse legalmente “deportado”. (Perdoem-me por usar a palavra “deportado” em todas as páginas deste livro, mas ainda não sei direito como dizer de outra maneira que alguém foi expulso de um país.) Como não vivia mais na Austrália, não tinha casa lá nem perspectivas financeiras, Felipe daria um jeito, o mais rápido possível, de ir morar em algum lugar mais barato — no sudeste da Ásia, provavelmente — e eu me encontraria com ele naquele lado do mundo assim que tudo estivesse encaminhado da minha parte. Lá, esperaríamos juntos que esse período indefinido de incerteza passasse.

Enquanto Felipe rabiscava o telefone do seu advogado, dos filhos adultos e dos sócios para que eu pudesse avisar todo mundo da situação, esvaziei a bolsa, procurando freneticamente o que poderia lhe dar para que tivesse mais

conforto na cadeia: chiclete, todo o meu dinheiro, uma garrafa d'água, uma fotografia nossa e o romance que eu estava lendo no avião, com o título muito adequado de *O Ato de Amor do Povo*.

Depois, os olhos de Felipe se encheram de lágrimas, e ele disse:

— Obrigado por entrar na minha vida. Agora não importa o que acontecer, não importa o que você fizer, saiba que me deu os dois anos mais alegres que já tive e que nunca esquecerei você.

Percebi num relâmpago: *meu Deus, o cara acha que vou abandoná-lo*. A reação dele me surpreendeu e me comoveu, mas, mais do que tudo, me envergonhou. Não passou pela minha cabeça, depois que o agente Tom revelara a opção, que agora eu *não* me casaria com Felipe para salvá-lo do exílio; mas parece que passou pela cabeça *dele* que talvez fosse chutado. Ele temia mesmo que eu o abandonasse, deixando-o ao relento, falido e quebrado. Será que eu merecia essa fama? Será que eu era conhecida, até mesmo dentro dos limites da nossa pequena história de amor, como quem pula do barco na primeira dificuldade? Mas os temores de Felipe seriam mesmo infundados, dada a minha história? Se a nossa situação se invertesse, eu jamais duvidaria, nem por um segundo, da solidez da lealdade dele nem da sua disposição de sacrificar praticamente tudo por mim. Será que ele podia ter certeza de que eu seria igualmente firme?

Tive de admitir que, se esse estado de coisas acontecesse dez ou quinze anos antes, o mais certo seria eu largar o meu parceiro em perigo. Sinto confessar que, na juventude, eu possuía um volume bem pequeno de honra, se é que possuía, e que a minha especialidade era me comportar de maneira leviana e impensada. Mas, hoje, ser uma pessoa de caráter é importante para mim, e quanto mais envelheço mais importante é. Naquele momento, então — e só tinha um momento para ficar sozinha com Felipe —, fiz a única coisa certa ao lado desse homem que adorava. Prometi a ele, dizendo as palavras no seu ouvido para que percebesse a minha sinceridade, que não o deixaria, que faria o que fosse preciso para ajeitar tudo e que, mesmo que não conseguisse ajeitar tudo nos Estados Unidos, ficaríamos juntos de qualquer jeito, em algum lugar do mundo, onde quer que fosse.

O agente Tom voltou à sala.

No último instante, Felipe me cochichou:

— Eu te amo tanto que até me caso com você.

— E eu *te* amo tanto — prometi — que até me caso com você.

Então, os bondosos agentes da Segurança Interna nos separaram, algemaram Felipe e o levaram embora — primeiro para a cadeia, depois para o exílio.

Naquela noite, quando peguei o avião sozinha de volta à nossa vidinha já obsoleta na Filadélfia, pensei com mais sobriedade no que acabara de prometer. Fiquei surpresa ao descobrir que não me sentia chorosa nem apavorada; não sei por quê, mas a situação me parecia grave demais. Em vez disso, o que tive foi uma sensação feroz de concentração, de que a situação tinha de ser tratada com a máxima seriedade. No espaço de apenas poucas horas, a minha vida com Felipe fora totalmente virada de cabeça para baixo, como por uma grande espátula cósmica. E agora parecia que estávamos noivos. Sem dúvida, foi uma cerimônia de noivado estranha e apressada. Parecia mais coisa de Kafka do que de Jane Austen. Mas ainda assim era um noivado oficial, porque tinha de ser.

Então, ótimo. Pois que seja. Com certeza eu não seria a primeira mulher na história da minha família a se casar por causa de uma situação grave — embora, pelo menos, a minha situação não envolvesse gravidez acidental. Ainda assim, o remédio era o mesmo: juntar os trapinhos, e depressa. E era isso o que faríamos. Mas aí estava o verdadeiro problema, que identifiquei naquela noite, sozinha no avião de volta a Filadélfia: eu não fazia ideia do que *era* o casamento.

Já cometera esse erro — entrar no casamento sem entender absolutamente nada sobre a instituição — uma vez na vida. Na verdade, mergulhara no meu primeiro casamento, com a idade totalmente inacabada de 25 anos, mais ou menos do mesmo modo que um labrador pula na piscina, com exatamente a mesma preparação e capacidade de previsão. Com 25 anos, eu era tão irresponsável que talvez não devessem me deixar escolher nem a pasta de dente, quem dirá o meu próprio futuro, e assim, como se pode imaginar, essa atitude descuidada me saiu caríssima. Colhi as consequências em altíssimo grau, seis anos depois, no ambiente sinistro do tribunal, com uma ação de divórcio.

Ao recordar o dia do meu primeiro casamento, lembro-me do romance *Death of a Hero* (Morte de um herói), de Richard Aldington, no qual ele diz sobre os seus dois jovens amantes no dia fatídico do casamento *deles*: “Será possível tabular as ignorâncias, as ignorâncias relevantes, de George Augustus e Isabel quando se prometeram um ao outro até que a morte os separasse?” Eu também já fui uma noiva jovem e sonsa, bem parecida com a Isabel de Aldington, sobre quem ele escreveu: “O que ela *não* sabia incluía quase toda a gama do conhecimento humano. O enigma é descobrir o que ela *sabia*.”

Mas agora, com a idade muito menos sonsa de 37 anos, não me convenceria de saber muito mais do que antes sobre a realidade do companheirismo

institucionalizado. Fracassara no casamento e, portanto, tinha pavor de casamento, mas acho que isso não me transformava em especialista no assunto; só fazia de mim especialista em fracasso e terror, e esses dois campos específicos já têm especialistas demais. Mas o destino interferira e me exigia o casamento, e aprendi com as experiências da vida o bastante para entender que às vezes as intervenções do destino podem ser entendidas como convites para enfrentar e até superar os nossos maiores medos. Não é preciso ser um grande gênio para admitir que, quando as circunstâncias nos empurram a fazer a única coisa específica que mais detestamos e tememos, no mínimo essa pode ser *uma oportunidade interessante de crescimento*.

Assim, aos poucos, percebi no avião que me levava embora de Dallas, com o meu mundo agora virado do avesso, o meu amor exilado, nós dois efetivamente condenados a nos casar, que talvez eu devesse usar esse período para fazer as pazes com a ideia do matrimônio antes de mergulhar nele outra vez. Talvez fosse uma atitude sábia investir algum esforço para deslindar o mistério do que é na verdade, em nome de Deus e da história humana, essa instituição confusa, irritante, contraditória mas teimosamente duradoura do casamento.

E foi o que fiz. Durante os dez meses seguintes, enquanto viajava com Felipe num estado de exílio sem raízes e trabalhava como louca para levá-lo de volta aos Estados Unidos para que nos casássemos em segurança (o agente Tom nos avisou que, se nos casássemos na Austrália ou em qualquer outro lugar do mundo, isso só irritaria o Departamento de Segurança Interna e retardaria ainda mais o processo de imigração), a única coisa em que pensei, a única coisa que li e quase a única coisa de que falei com alguém foi o assunto desconcertante do matrimônio.

Recrutei a minha irmã na Filadélfia (que tem a vantagem de ser historiadora de verdade) para me mandar caixas de livros sobre casamento. Onde quer que eu e Felipe estivéssemos, eu me trancava no quarto de hotel para estudar, passando horas sem conta na companhia de eminentes especialistas matrimoniais como Stephanie Coontz e Nancy Cott, escritoras cujo nome jamais ouvira mas que se transformaram em heroínas e professoras. Para ser honesta, todo esse estudo me transformou numa péssima turista. Durante esses meses de viagem, Felipe e eu fomos para muitos lugares lindos e fascinantes, mas acho que nem sempre dei a devida atenção ao que nos cercava. De qualquer maneira, esse período de viagens nunca teve mesmo o clima de uma aventura despreocupada. Foi mais uma expulsão, uma hégira. Viajar porque não podemos voltar para casa, porque um de nós não tem permissão oficial para voltar para casa, nunca será uma tarefa agradável.

Além disso, a nossa situação financeira era preocupante. Faltava menos de um ano para *Comer, Rezar, Amar* virar um best-seller lucrativo, mas essa bem-vinda evolução ainda não acontecera nem prevíamos que aconteceria. Agora Felipe estava completamente isolado da sua fonte de renda, de modo que ambos vivíamos dos vestígios do contrato do meu último livro e eu não sabia direito quanto tempo isso duraria. Algum tempo, claro, mas não para sempre. Eu começara a trabalhar recentemente num romance novo, mas a pesquisa e a redação tinham sido interrompidas com a deportação de Felipe. E foi assim que acabamos indo para o sudeste da Ásia, onde, para duas pessoas frugais, é viável viver com trinta dólares por dia. Eu não diria exatamente que sofreremos durante esse período de exílio (céus, estávamos longe de ser refugiados políticos famintos), mas foi um modo de vida tenso e esquisitíssimo, com a tensão e a esquisitice ainda aumentadas pela incerteza do resultado.

Perambulamos durante quase um ano à espera do dia em que Felipe seria chamado para a entrevista no consulado americano de Sydney, na Austrália. Enquanto isso, despencando de país em país, parecíamos apenas um casal insone tentando encontrar posição mais sossegada para dormir numa cama estranha e desconfortável. Durante muitas noites ansiosas, em muitas camas bem estranhas e desconfortáveis, eu ficava lá deitada no escuro, elaborando os meus conflitos e preconceitos contra o casamento, filtrando todas as informações que lia, garimpando a história atrás de conclusões reconfortantes.

Aqui, preciso esclarecer logo que limitei os meus estudos principalmente ao exame do casamento na história ocidental e que, portanto, este livro vai refletir essa limitação cultural. Qualquer antropólogo ou historiador matrimonial propriamente dito encontrará lacunas imensas na minha narrativa, já que deixei inexplorados continentes inteiros e séculos de história humana, sem falar que pulei alguns conceitos nupciais importantíssimos (a poligamia é apenas um exemplo). Para mim, teria sido agradável e, sem dúvida, educativo mergulhar mais fundo no exame de todos os costumes conjugais possíveis do planeta, mas eu não tinha tanto tempo assim. Só para compreender a natureza complexa do matrimônio nas sociedades islâmicas, por exemplo, eu precisaria de anos de estudo, e a minha urgência tinha um prazo que impedia contemplação tão extensa. Um relógio bem real batia na minha vida: dali a um ano, quisesse ou não, preparada ou não, eu teria de me casar. Sendo assim, parecia inevitável que eu me concentrasse em desvendar a história do casamento ocidental monogâmico para entender melhor as ideias pressupostas que herdara, o formato da narrativa da minha família e a minha lista de angústias culturalmente específicas.

Tinha esperanças de que todo esse estudo mitigasse a minha profunda aversão ao casamento. Não sabia direito se isso aconteceria, mas, seja como for, no passado a minha experiência sempre foi esta: quanto mais aprendia sobre alguma coisa, menos ela me assustava. (Alguns medos só podem ser vencidos, no estilo do duende Rumpelstiltskin, quando se descobre o seu nome secreto e oculto.) Mais do que tudo, o que eu queria mesmo era dar um jeito de aceitar o casamento com Felipe quando o grande dia chegasse, em vez de apenas engolir o destino como um comprimido duro e horrível. Podem me chamar de antiquada, mas achei que seria um toque legal me sentir feliz no dia do meu casamento. Feliz e consciente, quero dizer.

Este livro é a história de como cheguei lá.

E tudo começa — porque toda história tem de começar em algum lugar — nas montanhas do norte do Vietnã.